



Autores:

Carolina Mara Teixeira - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JAN - caarol_mara@hotmail.com

Resumo:

O presente trabalho tem o objetivo de estudar o projeto Tour da Experiência em Vassouras, na região turística do Vale do Café, no estado do Rio de Janeiro. Propõe-se analisar o tipo de experiência turística que está sendo desenvolvida nesse município e como história e memória do negro nas fazendas históricas estão sendo utilizadas enquanto produto turístico nas visitas guiadas. A metodologia que será utilizada para a construção deste trabalho estará baseada em uma pesquisa bibliográfica, fontes primárias, seguido também da análise de fontes secundárias, como dissertações, artigos e reportagens que tratam sobre a temática desta pesquisa e com entrevistas com atores do movimento negro presentes no território, além de visitas de campo. O objetivo central deste trabalho será analisar um possível processo de espetacularização e desvalorização da figura do negro neste projeto que faz parte de uma política pública.

“SOMOS HERANÇA DA MEMÓRIA”: AS NARRATIVAS REPRODUZIDAS NO TOUR DA EXPERIÊNCIA EM VASSOURAS

INTRODUÇÃO

O fenômeno turístico, de acordo com a Organização Mundial de Turismo (OMT), é uma atividade na qual o indivíduo ou um grupo viaja, ou seja, desloca-se, estes denominados de turistas ou excursionista, o primeiro termo é atribuído a quem realiza viagem turística com pernoite e o segundo quem não pernoita. Também é denominado de turista aquele que tem o intuito de visitar uma localidade fora do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano com o propósito de não remuneração por entidades (empresas, estabelecimentos, etc) no lugar visitado.

O desenvolvimento e crescimento da atividade turística no território brasileiro consolidam-se a partir da década de 70, adaptando-se em diversos segmentos definidos pela Organização Mundial do Turismo (OMT) e reconhecidos pelo Ministério do Turismo (MTUR). De acordo com a OMT, dentro desses segmentos, que abrange cerca de mais de 60 especialidades, há o turismo de massa, turismo de sol e praia, ecoturismo, turismo de base comunitária, turismo cultural, turismo étnico, entre outros.

O turismo, através de seus segmentos praticados e os agentes que fazem acontecer essas atividades, também pode representar um importante canal de interculturalidade, ao se tornar um meio relevante no encontro de saberes de diversos grupos sociais, o que possibilita a produção cultural e o incentivo de novos nichos específicos no mercado de consumo do turismo. (ARAGÃO, 2015)

O fenômeno turístico por ser um canal no processo de trocas culturais pode ser um instrumento de conhecimento de multiculturalidade ou pluralismo, denominação de Canclini (2009), pois segundo o autor “admite-se a diversidade de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativistas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação”. (CANCLINI, 2009, p. 17)

Assim, o turismo pode ser instrumento de trocas culturais ou reforçar a segregação. A atividade turística também pode ser pensada em seu aspecto cultural em seus diversos

segmentos, desta forma, este trabalho se propõe a realizar um estudo sobre o Tour da Experiência, que é parte do projeto Economia da Experiência, desenvolvido em parceria com o Ministério do Turismo, junto com o Sebrae e o Instituto Marca Brasil (IMB), que visa proporcionar uma nova experiência turística ao turista/excursionista, desenvolvendo produtos que despertam a sensação e emoção de ser o protagonista de uma experiência, sendo mais que um indivíduo que contemple o que lhe é ofertado. O tour a ser analisado está presente no município de Vassouras/RJ

Segundo os dados coletados pelo SEBRAE, o Projeto Economia da Experiência começou a se desenvolver no Rio Grande do Sul, conhecido como a região da uva e do vinho, onde o convívio com a cultura italiana seria patrocinado por meio da colheita da uva. O projeto expandiu-se posteriormente para Belém-PA, cuja experiência estava voltada para a finalidade de interagir com a cultura local, gastronomia, crenças e cheiros como a dança do carimbó, o Círio de Nazaré, a Igreja da Sé, o açaí entre outros; depois foi implantado em Bonito-MS com o objetivo de garantir maior fruição com o meio ambiente, e na Costa do Descobrimento-BA o objetivo era compartilhar de uma história do descobrimento do Brasil. O programa foi introduzido no estado do Rio de Janeiro, especificamente no município de Petrópolis, através dos Caminhos do Brasil Imperial, direcionada à experiência de resgate da história do Período Imperial Brasileiro, chegando à região do Vale do Café, precisamente no município de Vassouras, com o mesmo intuito, o de despertar emoções e sentimentos, através de uma experiência do turista baseada num resgate histórico. (SEBRAE, 2010)

O Tour da Experiência é um selo de certificação que, segundo o MTUR garante aos empreendimentos o reconhecimento de "proposta inovadora" para o turismo, pois se apropriam do conceito da economia da experiência, desenvolvendo assim, produtos e serviços de turismo denominados inovadores, estes voltados para alguma experiência.

Segundo GOMES (2016) a certificação com o selo Tour da Experiência é o resultado de um processo que se dá mediante um contrato, o "termo de adesão", permitindo a inserção do estabelecimento na proposta de Economia da Experiência, a partir daí desenvolvem-se encontros, seminários e capacitação, pesquisa da história e da cultura local, e outras ações referentes que seguem a "cartilha completa do Tour da Experiência". (GOMES, 2016, p.72).

A prática turística na região do Vale do Paraíba no estado do Rio de Janeiro, denominado também como Vale do Café, termo este utilizado especificamente pelo Plano Diretor de Turismo (Rio de Janeiro, 2010), compreende os municípios de Paty do Alferes, Paraíba do Sul, Barra Mansa, Engenheiro, Volta Redonda, Paulo de Frontin, Pinheiral, Rio das Flores, Pirai, Pinheiral, Rio das Flores, Piraí, Barra do Piraí, Miguel Pereira, Paracambi, Mendes, Valença e Vassouras, tem como base principalmente o segmento do turismo rural e do histórico-cultural devido a ocupação da região.



Figura 1: Região do Vale do Café. Fonte: Cidades Maravilhosas, 2002

Historicamente, a região do Vale do Café tem esta designação em função das atividades cafeeiras desenvolvidas na época do Brasil Império. Por volta de 1860, o Vale do Café era considerado líder produtor mundial de café e a região representava 75% da produção realizada no Brasil, fruto das diversas fazendas escravocratas que existiam na região dando destaque para o município de Vassouras. (LIMA, 2013)

No período imperial a região do Vale do Paraíba marcou história na política e na economia brasileira durante os séculos XVIII e XIX devido a expressiva produção e exportação do café. De acordo com Fridman (2005), Vassouras era a principal cidade do período do Ciclo do Café e sede das principais fazendas cafeeiras. (GOMES, MENDONÇA, 2017, p. 33)

A inserção do setor turístico na região do Vale do Paraíba ocorreu com o processo de reurbanização do campo, denominado de novo rural, como trabalhado por Schneider (2010) ao dizer que esse novo rural se apresenta pela pluratividade em seu espaço, em razão espaço, em razão das novas atividades acontecendo no local que foram implantadas em decorrência da ressignificação do "homem do campo", ou seja, a troca da mão de obra deste indivíduo pela a inserção de novas tecnologias como a utilização de maquinários.

O turismo rural e o histórico-cultural que estão sendo desenvolvidos no município de Vassouras ocorrem através de visitas em diversos atrativos turísticos locais, como as antigas fazendas cafeeiras, que são vistas como marcas do período imperial brasileiro e são reconhecidas como patrimônios e símbolos de história e memória.

Segundo Borges & Magalhães (2017) o turista que busca a prática de lazer através das formas de turismo no espaço rural não necessariamente busca a experiência da vivência no campo, mas sim das atividades que acontecem nesse espaço como acampar, realizar trilhas, arborismo até mesmo um outro segmento turístico que é o histórico o qual relembre o aspecto rural para experimentar suas peculiaridades como a culinária, a hospedagem, vivências e afins. (BORGES, 2017)

Dentre os principais atrativos turísticos da cidade de Vassouras foi possível destacar através da Prefeitura Municipal de Vassouras (2018) mais de 20 estabelecimentos, com o destaque da Igreja Matriz, dos Palácios do Itambé e do Barão de Ribeirão, do Centro Cultural Cazusa, do Museu Casa da Hera, do Mirante do Imperador, o Monumento Manuel Congo, da antiga Estação Ferroviária, do Vagão de Leitura, entre outros.

Na região do Vale do Café 18 estabelecimentos foram certificados com o Selo Tour da Experiência na região do Vale do Café. Para fins desta pesquisa, optou-se como recorte cinco que estão inseridos no município de Vassouras, que são a Fazenda Santa Eufrásia, Hotel Mara Palace, Hotel Santa Amália, Botequim Por Acaso e a Fazenda Cachoeira Grande.

O Tour da Experiência em Vassouras é composto por um conjunto de produtos ofertados nos estabelecimentos com selo do projeto que são: o "pic nic na fazenda Santa Eufrasiá", que acontece na Fazenda Santa Eufrásia; o "Chá com Eufrasiá Teixeira Leite", no Hotel Mara Palace; "A cozinha da Baronesa e o Batuque do Quilombo - Raízes do Brasil Imperial", no Hotel Santa Amália; "Raízes e Viagens por um Brasil Imperial", no Botequim Por Acaso, e "Visita Histórica e Visita ao Museu de Carros Antigos", na Fazenda Cachoeira Grande.

A experiência proporcionada na Fazenda Cachoeira Grande, com a "Visita Histórica e Visita ao Museu de Carros Antigos" ocorre na visita, que se inicia no jardim da propriedade e custa cerca de 70 reais, de acordo com Gomes (2016) a atividade só acontece com agendamento de grupos de no mínimo 20 pessoas, onde o guia de turismo conta da história da fazenda, as atividades de produção do café, na época do império, e as outras formas de agricultura como o arroz, após o declínio da monocultura cafeeira. O produto certificado trata-se, além da visita na fazenda, de um banquete Imperial, que oferece música clássica tocada ao vivo por artistas, sendo os visitantes recepcionados por pessoas com vestimentas de mucamas em alusão da época da escravidão no Brasil. (GOMES, 2016, p. 96)

No Botequim Por Acaso, o produto de experiência proporcionado pelo "Raízes e Viagens por um Brasil Imperial" oferece culinária de aspectos regionais e étnicos como "indígena, africana e tropeira". Representando um diferencial sobre os demais produtos certificados por não apresentar os costumes da classe dominante da época, formada pela nobreza, grandes comerciantes de café e proprietários de terra.

O Hotel Santa Amália, com "A cozinha da Baronesa e o Batuque do Quilombo-Raízes do Brasil Imperial" quer despertar no turista uma experiência com atividades que relembram um momento da história: os costumes dos povos quilombolas e as características da cozinha da casa grande. Na primeira parte do momento do tour fica disponível as manifestações culturais da região, como o maculelê, a capoeira, a culinária relacionada aos costumes quilombolas, como o feijão, a couve, a cachaça, a carne seca, dentre outros. E a segunda parte, quando os visitantes entram no restaurante do hotel, onde é servido a "comida da fazenda", como os chás e bolos, sucessivamente.

O "Chá com Eufrásia Teixeira Leite", no Hotel Mara Palace é uma experiência certificada com o interesse de explorar a história da família Teixeira Leite, como representantes de grandes comerciantes de café e proprietários de terras no período do império na região de Vassouras, tendo a figura de um dos membros da família, a personagem famosa da região, Eufrásia. O produto "Chá com Eufrasiá" é baseado no que era servido antigamente, com pratos e músicas na época do Brasil império, entretanto, esses elementos (pratos e músicas) eram contextualizados envolvendo a cultura belle époque francesa e não a brasileira.

Na Fazenda Santa Eufrásia, com o "pic nic na fazenda Santa Eufrásia", produto este certificado pelo projeto, a experiência que acontece é praticada e encenada propondo um piquenique na fazenda, como hábito que chegou ao Brasil no reinado de D. Pedro II. O tour se inicia na parte externa do estabelecimento com a recepção da guia de turismo caracterizada de "Sinhá", figura a qual os escravos africanos designavam a patroa no período imperial brasileiro, utilizando vestimentas de acordo com a época. A mesma guia ao receber os visitantes utiliza-se de frases que acentuam o sentido de estar sozinha porque suas

"mucamas" estão de folga. Os turistas recebem uma cesta com alimentos como frutas, bolo, biscoitos, entre outros, para o piquenique. Começa-se, após a recepção, a ser contada a história da fazenda. A guia-sinhá apresenta aos visitantes o enorme gramado esverdeado da residência onde eram secados o café produzido no século XIX pela propriedade. O cenário conta com grãos de café espalhados e uma pequena plantação com frutos maduros, numa área um pouco mais afastada do gramado, para apresentar como era feito o cultivo do café utilizando de uma pequena produção para despertar no turista emoções, possibilitando degustar e ainda os comprar. Após passar pelas curiosidades sobre o cultivo do café, segue-se para a casa da fazenda, a qual a guia-sinhá, apresenta a arquitetura e os utensílios que existem dentro do local que representam à época do império e conta a história de cada um dos objetos. No final da visita, é oferecido um café aos visitantes dentro da casa grande com bolos produzidos na propriedade.

Esse tour na fazenda Santa Eufrásia foi o que despertou a realização de estudos de como certos programas e ações produtos de política pública de turismo estavam sendo reproduzidos pelos estabelecimentos e entidades privadas sem nenhuma fiscalização em decorrência de uma reportagem publicada pelo The Intercept Brasil (06/dez/2016) sobre o Tour da Experiência na região do Vale do Café.

Em dezembro de 2016 o jornal The Intercept Brasil questionou o tipo de turismo que estava sendo induzido/praticado em Vassouras através do projeto - o Tour da Experiência, tendo a intenção de era alertar sobre possível o crime de racismo nos tours das fazendas por encenar com mucamas e reafirmar o negro como escravo em situação submissa. Após a reportagem e sua repercussão mundial pelos meios de comunicação, o caso chegou ao Ministério Público Federal (MPF), que se mobilizou instaurando um inquérito civil público para apurar as irregularidades cometidas nas visitas aos estabelecimentos credenciados pelo projeto.

O inquérito civil resultou na elaboração de um Termo de Ajustamento de Conduta - TAC, que foi assinado no dia 6 de maio de 2017, entre o Ministério Público Federal e a proprietária da fazenda Santa Eufrásia. Aquela reunião contou com a presença de militantes e ativistas do movimento negro, como Toninho Canecão, principal liderança do Quilombo São José da Serra, que pertence a cidade vizinha de Valença, como também membros do Ministério Público, jornalistas, professores, membros da Comissão da Verdade da Escravidão Negra, a comissão da Igualdade Racial da OAB Volta Redonda.

O documento contribui para a reflexão sobre como os estabelecimentos incluídos no Tour da Experiência com seus produtos ofertados, desenvolvem uma nova maneira de praticar o turismo de memória na região, diferente daquela que se deseja reproduzir, pois a desenvolvida está atrelada aos costumes da nobreza e ainda ressaltando a submissão do negro na figura de escravizado nestas visitas das fazendas históricas. De acordo com os

termos da Lei Nº 12.288/2010 é dever do Estado de toda a sociedade combater a desigualdade étnico-racial em suas manifestações individuais, institucionais e estruturais.

Segundo o Jornal Tribuna do Interior (2017), o Termo de Ajustamento e Conduta proíbe a fazenda Santa Eufrásia de servir os turistas com pessoas negras vestidas de escravas. Além disso, deverão ser instaladas na propriedade placas com 162 nomes de negros escravizados no local - 46 desses nascidos no continente africano - seguido do seguinte texto: “A Fazenda Santa Eufrásia foi palco, no século XIX, do que hoje é considerado crime contra a humanidade: a escravização de africanos, muitos sequestrados ainda crianças”. (JORNAL TRIBUNA INTERIOR, 17/05/2017)

Para Ribeiro (2016), esse tipo de encenação nas fazendas históricas de Vassouras resulta numa romantização de um período extremamente violento da história do Brasil. A mesma ainda ratifica que esse tour estabelecido e oferecido aos turistas é uma forma de discriminação e racismo ao povo negro como aponta na entrevista realizada à Uol (2016):

Não existe a mesma postura com algo como Auschwitz, por exemplo. E com isso percebemos que não existe uma sensibilidade com a dor negra, como a dor de judeus, por exemplo. É um absurdo também quem deseja se colocar nessa posição de escravocrata, revivendo isso. Obviamente, a gente tem que lembrar do período, mas de forma a reparar o que foi feito durante esse tempo e de forma alguma romantizá-lo. (RIBEIRO, UOL, 2016)

Por esta razão, busco com este artigo trazer as análises de como o programa Tour da Experiência em Vassouras, através dos produtos certificados com a anuência do Ministério do Turismo em parceria com instituições privadas como o SEBRAE e IMB, conjuga com as questões de memória, raça e identidade do negro no território.

O QUE É O TURISMO DE EXPERIÊNCIA?

Entende-se que o Turismo de Experiência é um segmento turístico que visa relacionar os desejos do turista moderno que busca se sentir conectado às experiências e estar envolvido na situação apresentada. A ideia é estimular vivências e o engajamento em comunidades locais que geram aprendizados significativos e memoráveis. (SEBRAE, 2015, p.8)

Segundo Turner e Bruner (1986) o termo Turismo de Experiência pode ser utilizado de forma mercadológica, a qual tem por finalidade promover produtos/serviços aos turistas, na intenção de fazê-los se sentirem como os próprios protagonistas de suas experiências

(viagens); ou utilizado atrelado à concepção antropológica, com o objetivo de fazer do indivíduo (turista) um meio de despertar sentimentos e emoções através das experiências vivenciadas, como sentido, sentimento, pensamento, ação e identificação (MTUR, SEBRAE, IMB, SHRBS, 2010, p.11)

Segundo Panoso (2010) a prática do Turismo de Experiência realizada pelo próprio turista tende a despertá-lo e proporcioná-lo experiências nunca vivenciadas, sentidas e estimuladas em outro segmento turístico. O Ministério do Turismo, Sebrae e IMB (2015) destacam as diferenças entre o turismo tradicional e o turismo de experiência, de acordo com o quadro (1) abaixo:

QUADRO 1: Diferença do turismo tradicional e de experiência

Turismo tradicional	Turismo de experiência
Apresenta características funcionais	Tem foco na experiência do consumidor
É orientado pelo produto e pela concorrência	É orientado para oferecer experiências de forma integral e exclusiva
Entende que as decisões de consumo são racionais	O turista é visto como consumidor racional e emocional
As ferramentas utilizadas são quantitativas e verbais	As ferramentas são multidisciplinares e bastante variadas

Fonte: Portal Sebrae, 2015

De acordo com o quadro acima, o turismo tradicional visa proporcionar o turismo “comum”, ou seja, aquele o qual o turista utiliza-se do produto já finalizado, dando como exemplo um museu histórico em uma localidade onde as atividades estão voltadas a sua visitação e contemplação, proporcionando um turismo sobre “capa”, usufruindo apenas o “frasco”, desperdiçando seu conteúdo e suas histórias, sendo o turista apenas um contemplador do meio e não um protagonista da atividade, o que diferencia do turismo de

experiência, como por exemplo, um museu vivo, ou seja, com personagens reais o qual o turista esteja engajado dentro deste processo de experiência única, fazendo-o despertar sentimentos, emoções, desejos e outros sentimentos.

Assim, o conceito de experiência aplicado ao turismo foi proposto pelo Projeto Economia da Experiência para que houvesse um diferencial nos segmentos turísticos, sendo estes voltados ao consumo de serviços que pudessem estimular os sentidos, os sentimentos e a mente. Como destaca Pezzi (2012, p.11), o intuito de destacar a experiência relaciona-se diretamente com a cultura contemporânea e com um novo sujeito (indivíduo/turista), que já não se satisfaz apenas com as necessidades básicas de repouso e lazer que a prática turística se dispõe, mas sim buscam viver acontecimentos únicos e diferenciados.

Através do Projeto Economia da experiência surge o Tour da Experiência, que busca fortalecer e consolidar o turismo nos arranjos produtivos dos pequenos negócios, com ajuda aos empreendedores locais para agregar valor aos produtos turísticos do território a partir do conceito de Economia da Experiência. E de forma social, com o intuito de fazer do turista um sujeito mais consciente. (MTUR, SEBRAE, IMB, SHRBS, 2015).



Figura 1: Logos do Projeto Economia da Experiência e do Projeto Tour da Experiência
Fonte: Cartilha Tour da Experiência (2015)

De acordo com Gomes (2016), todo o conceitual da marca Tour da Experiência foi construído pelo Instituto Marca Brasil por solicitação do Ministério do Turismo, que buscava atender concepção de Economia da Experiência sob forma de inovação dos produtos/serviços nos destinos turísticos que despertassem o emocional e o sentimento do consumidor.

O Tour da Experiência buscar atingir empreendimentos que desejam ser reconhecidos como “proposta inovadora” para o turismo, os quais se apropriam do conceito da economia

de experiência, desenvolvendo assim, novos produtos e serviços de experiência. Esses empreendimentos recebem o selo de certificação do Tour da Experiência.

Assim, o processo de desenvolvimento da marca foi considerado como um forte suporte para o marketing, divulgação e estabelecimento de concorrência, atingindo o público-alvo nos destinos turísticos inseridos no Projeto Economia da Experiência.

O TOUR DA EXPERIÊNCIA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Antes de abordar a inserção do projeto Tour da Experiência em especial o “Projeto Economia da Experiência: Continuidade e Abrangência de Novos Destinos” na cidade de Petrópolis e na região do Vale do Café, especificamente na cidade de Vassouras, cabe ressaltar que as políticas para a área de turismo no estado do Rio de Janeiro na década de 90 foram criadas tardiamente e em razão disto foi lenta a construção do Plano Diretor de Turismo.

O Plano Diretor de Turismo, que teve origem na Constituição do Estado do Rio de Janeiro no ano de 1989, é o documento que dispôs ações que contribuíram para o processo de desenvolvimento do turismo no território fluminense. O plano só começou a ser elaborado em 1997 e só publicado em 2001. O Plano Diretor de Turismo consistia, segundo o artigo 227

O Estado promoverá e incentivará o turismo, como fator de desenvolvimento econômico e social bem como de divulgação, valorização e preservação do patrimônio cultural e natural, cuidando para que sejam respeitadas as peculiaridades locais, não permitindo efeitos desagregadores sobre a vida das comunidades envolvidas, assegurando sempre o respeito ao meio ambiente e à cultura das localidades onde vier a ser explorado...” “...“O instrumento básico de intervenção do Estado no setor será o plano diretor de turismo, que deverá estabelecer, com base no inventário do potencial turístico das diferentes regiões, e com a participação dos Municípios envolvidos, as ações de planejamento, promoção e execução da política de que trata este artigo” (RIO DE JANEIRO, 1989, p.129- 130).

A construção do Plano Diretor de Turismo (PDT) ficou sob competência da TurisRio e da Secretaria do Estado e Planejamento (Secplan), ambas tiveram como atribuições “levantar, analisar e consolidar as informações, programas e documentos existentes e intervenientes com a questão turística estadual” que tinham por finalidade a necessidade de formular diretrizes e organizar ações para o desenvolvimento das atividades de turismo para todo o estado do Rio. (FRATUCCI apud GOMES, 2016, p.54)

Em paralelo a elaboração do PDT Fluminense, no âmbito federal estava sendo construído o Plano Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), o qual o Rio de Janeiro seguia as diretrizes, buscando contribuir ao processo de mobilização/sensibilização no estado, principalmente no que concerne na formação de conselhos de turismo, como o Conretur (Conselho Regional de Turismo da Região das Agulhas Negras), o Conciclo (Conselho Regional de Turismo do Ciclo do Café) e no fortalecimento de lideranças locais que existiam antes do PDT. Por conseguinte, propiciou também o desenvolvimento da política pública de turismo regional, o PRT - Programa de Regionalização do Turismo.

O Plano de Regionalização Turística - PRT estava inserido na proposta do Plano de Desenvolvimento Econômico e Social e deu início no ano de 2004 a uma organização das atividades turísticas no território fluminense. O PRT contribuiu para a divisão do território estadual em seis regiões turísticas que são: Metropolitana, Costa Verde, Costa do Sol, Serra Verde Imperial, Agulhas Negras e Vale do Café. Essas regiões turísticas foram constituídas para contemplar a gestão das atividades turísticas de forma intermediária entre o estado e o município.

O primeiro destino turístico do estado do Rio de Janeiro a trabalhar com a proposta do projeto de Economia da Experiência foi a cidade de Petrópolis, localizada na região serrana do estado. Fundada no século XIX, precisamente no ano de 1843 por Dom Pedro II, imperador do Brasil. Segundo Ângelo (2012), Petrópolis foi programada para ser estância de verão da Corte, sendo utilizada para atender os anseios da aristocracia brasileira que eram os senhores de terras e escravos, a elite dominante da época. Desde o período imperial, a cidade despertou atenção como local onde artistas e personalidades brasileiras instalaram suas residências, como o Barão do Rio Branco, Santos Dumont e Rui Barbosa, além deles outros possuíam moradia na cidade, ou estiveram hospedados e contribuíram para agregar cultura e história para Petrópolis (ANGELO apud GOMES, 2016).

Considerando essas características, Petrópolis até hoje possui marcas históricas e culturais que são retratados em sua arquitetura, em sua arte, sua culinária e em sua História, todo este acervo é utilizado como produto para a prática do turismo na localidade e justifica a proposta e o incentivo público para o Turismo de Experiência, por permitir através dos elementos ali existentes do período imperial, como as residências de grandes personagens, uma ambientação para transformar o visitante em protagonista daquele contexto histórico, dando a sensação de entendimento do período.

Segundo o SEBRAE (2015) o “Projeto Economia da Experiência: Continuidade e Abrangência de Novos Destinos” em Petrópolis, é uma proposta inicialmente concebida a partir do acordo de Cooperação Técnica entre SEBRAE, EMBRATUR e Ministério do Turismo, sendo implantado com duração de quatro anos, mas podendo ser prorrogado por termo aditivo e dividido em duas fases sendo a primeira voltada ao planejamento e gestão

operacional das ações a serem realizadas em Petrópolis pelo Mtur e IMB, uma parceria entre esfera pública federal e associação civil de direito privado e sem fins lucrativos, e a segunda fase destinada às ações de campo que envolvem capacitação, mercado, divulgação, promoção e avaliação dos resultados sobre responsabilidade do SEBRAE.

Os destinos escolhidos pelo Mtur, IMB e SEBRAE para participarem do Projeto Economia da Experiência: Continuidade e Abrangência de Novos Destinos tinham que seguir os critérios de: ser um destino consolidado, fazerem parte dos 65 destinos indutores de atividades turísticas do estado do Rio de Janeiro, pequena extensão territorial, capacidade econômica financeira, rico culturalmente (apresentando aspectos e elementos históricos e/ou cultural no território).

A gestão local do projeto Tour da Experiência em Petrópolis ficou por conta do SEBRAE Rio de Janeiro, com o apoio da Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis (governo municipal) e a instituição Petrópolis Convention and Visitors Bureau (setor privado).

De acordo com Gomes (2016) antes da implantação do projeto Tour da Experiência em Petrópolis, o turismo baseado na experiência já existia no Museu Imperial desde 1998, inspirado nos projetos das Pirâmides do Egito, Palácio de Versalhes e de São Miguel das Missões (RS). Com o projeto houve complementação da atividade visando ‘dinamização do público’ e que gerasse receita do ponto de vista turístico e cultural através do Projeto Som e Luz, que acontecia no Museu, trabalhando com fatos históricos do período Imperial brasileiro através de efeitos de áudio, luz e projeções de computador durante o tour no estabelecimento, despertando no visitante o interesse e curiosidade sobre os elementos históricos. (FARIAS apud GOMES, 2016, p. 78).

A expansão do Tour da experiência é atribuída ao sucesso do projeto na região de Petrópolis que foi premiado internacionalmente em 2012, recebendo o prêmio Ulysses Award, da Organização Mundial de Turismo com o case “Economia da Experiência Tour”. Tal prêmio reconheceu a importância da proposta e motivou sua continuidade e expansão, contribuindo para gerar o Tour da Experiência Caminhos do Brasil Imperial no estado do Rio de Janeiro.

O Tour da Experiência Caminhos do Brasil Imperial foi uma expansão do tour da Experiência, organizado, mais uma vez, pelo SEBRAE do Rio de Janeiro e pelo Instituto Marca Brasil com apoio da Secretaria de Estado de Turismo (SeTur) e que foi lançado em 2013 com objetivo de ampliar o conceito de turismo de experiências em destinos que vivenciaram fatos da época do período Imperial. Os destinos no Estado do Rio que podiam ser inserido no projeto eram as cidades do Rio de Janeiro, Paraty, Teresópolis, Nova Friburgo, Visconde de Mauá e a região turística do Vale do Café (considerando apenas os municípios de Piraí, Barra do Piraí, Rio das Flores, Valença e Vassouras). (GOMES, 2016)

O projeto visava (a princípio) incentivar a valorização de práticas turísticas em destinos que representavam e relembravam atos e fatos da época do Brasil Império. Para o prosseguimento das propostas nas dez cidades envolvidas, foram feitas capacitações, cursos e assessorias nas micro e pequenas empresas destas cidades, como também visitas técnicas de aprendizado em Boas Práticas na Serra Gaúcha, encontro de negócios e participação em feiras e eventos.

De acordo com Gomes (2016), em 2014 e 2015 foi desenvolvido o Projeto Caminhos do Brasil Imperial; das 118 empresas (micro e pequenas) do setor turístico das dez cidades que estavam fazendo parte do projeto, apenas 113 empresas foram certificadas com o Selo “Tour da Experiência” por contemplarem e desenvolveram produtos de experiência turística com identidade do Brasil Imperial, de acordo com o conceito de inovação e conforme o quadro abaixo.

QUADRO 3: Estabelecimentos certificados no estado do Rio de Janeiro

Destino	Nº de Estabelecimentos	Alguns dos produtos certificados
Centro do Rio de Janeiro	15 estabelecimentos	Ex: Carioca da Gema oferecerá o Baile Imperial, uma proposta de música e pratos servidos no último baile do Império.
Petrópolis	16 estabelecimentos	Ex: Confeitaria Willensen, fez cupcake decorado com uma coroa de açúcar no topo, inspirado nas receitas da Família Real.
Teresópolis	17 estabelecimentos	Ex: Sobrado Histórico José Francisco Lippi – formulou passeio ecológico com culinária de roça e café rural com personagens de época.
Friburgo	13 estabelecimentos	Ex: Cachaçaria Sinha Brasil – visita ao alambique e passeios por túneis escavados por escravos, a pé com lanternas para reviver o ambiente da época
Paraty	14 estabelecimentos	Ex: Companhia de Teatro Imperial Paraty - Um Passeio na História
Visconde de Mauá	18 estabelecimentos	Ex: Bistrô das Meninas – Pic-Nic Imperial com o requinte de época.
Vale do Café	21 estabelecimentos	Ex: Fazenda Florença - Personagens de cera da família imperial e escravos na senzala.

Fonte: SeTur apud Gomes (2016)

O projeto Tour da Experiência Caminhos do Brasil Imperial teve como intuito aumentar a demanda turística nos municípios do estado do Rio de Janeiro que estavam inseridos neste projeto, buscando oferecer aos consumidores novas sensações turísticas, como provar de sabores, conhecer antigos costumes, viver uma histórica, e capacitando os estabelecimentos para serem certificados quanto a sua qualidade em serviços, produtos e experiências.

O Vale do Café é uma delimitação regional utilizada para ação de políticas de turismo no estado do Rio de Janeiro, destinadas ao conjunto de municípios que participaram do período da história brasileira em que a exportação de café era uma importante atividade econômica no estado, chegando a representar 77% da economia brasileira. A denominação “Vale do Café” foi criada para ressaltar a herança histórica e econômica do século XIX. Como aborda Gomes (2016):

No caso da delimitação turística Vale do Café, localiza-se no centro-sul do estado do Rio de Janeiro, no limite com Minas Gerais, possui uma área de 5.828,0 km², sendo servida por uma malha rodoviária que permite a sua ligação com a capital do Rio de Janeiro. O Vale do Café é promovido como uma região turística voltada para os segmentos de turismo do tipo histórico e rural, considerando sua trajetória histórica e agrícola. Uma região que, de fato, apresenta potencial para se desenvolver nestes segmentos e tem se estruturando a partir de pequenas ações públicas e privadas (MTUR apud GOMES, 2016, p.21).

O projeto Tour da Experiência trabalhou com cinco das 13 cidades que constituem a região do Café, a seleção desses municípios utilizou como base o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável - Pólo Serra (PDITS), que apresenta quatro destas cidades como cidades prioritárias ao desenvolvimento do turismo no território fluminenses, são elas: Barra do Pirai, Valença, Rio das Flores e Vassouras, Pirai.

Participaram do projeto na região do Vale do Café 21 estabelecimentos, sendo constituídos por hotéis, restaurantes, lojas de artesanato e algumas antigas fazendas de produção de café. Dentro deste quantitativo, apenas 18 empreendimentos chegaram até o final do projeto recebendo assim o certificado (Selo Tour da Experiência) no ano de 2015. Três dos 21 estabelecimentos não foram certificados porque as empresas não se enquadraram nas ações da proposta do projeto, como a rotatividade de funcionários e por não apresentarem um produto “único”. E existem apenas 5 estabelecimentos com o Selo Tour da Experiência em Vassouras, os quais serão trabalhados nesta pesquisa.

TURISMO EM VASSOURAS

A história narrada e reproduzida nos Tours praticados pelos estabelecimentos certificados com o Selo Tour da Experiência em Vassouras tem como base as tradições de um determinado grupo social do período imperial brasileiro por meio de ambientação, como as fazendas da região com utensílios, culinárias e artefatos da nobreza, além do resgate de uma história que apresenta uma imagem de subalternidade e inferioridade do negro, como o caso do Tour na Fazenda Santa Eufrásia, um dos estabelecimentos credenciados pelo projeto.

Os estabelecimentos com o selo Tour da Experiência em Vassouras ao apresentarem marcos históricos que compõem o período do Império naquela região, escamoteiam as narrativas e a presença dos diferentes grupos étnicos sociais que ali viveram, forjando assim uma imagem que, de modo unívoco, representaria a sociedade que teria existido ali. Esse formato adotado pelos cinco estabelecimentos certificados pelo projeto Tour da Experiência em Vassouras, pode ser melhor compreendido ou mesmo explicado, por aquilo que Nora (1993) chama atenção no seu texto "Entre Memória e História: a problemática de lugares". Tal como destaca o autor, a memória é referência ao passado e só existe quando evocada no presente, podendo ser efetiva, mágica, e conter lembranças flutuantes, particulares, simbólicas e sensíveis. Em outros termos, isto significa apontar que a memória e a história, ao serem evocadas no presente, serão lembradas e contadas a partir de uma apropriação parcial que se fará entendida e percebida como "única" e "oficial".

Nora (1993) apresenta que a memória é algo absoluto enquanto a história só conhece o relativo, ou seja, a memória é definida como o pilar e possível de múltiplas representações, sendo a história uma delas. Enquanto a história é entendida como uma análise do passado oriunda de discursos críticos que pertencem a diferentes povos, tempos e acontecimentos, ou seja, uma operação intelectualcheia de intencionalidades. (NORA, 1993, apud GOMES, 2016, p.105)

Nos produtos com o selo Tour da Experiência em Vassouras, a história que é difundida por seus empreendedores está relacionada aos marcos históricos da nobreza no período imperial brasileiro, como tal os costumes, culinárias, vestuários, entre outros representativos. Propagando uma narrativa romantizada de um grupo social existente e relativizando outros povos, memórias e identidades, como o negro, contando apenas no viés da subalternidade, ratificando uma invisibilidade social.

Pollack (1992), em *Memória e Identidade Social*, trabalha memória como sendo um fenômeno que é construído também através dos outros, que podem ser compreendidos como essências oriundos de meios coletivos, grupos étnicos sociais ou de classe, e individuais.

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória (...) A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo. (POLLACK, 1992, p. 4)

Michel Pollack (1992) utiliza como referência Nora e Halbwachs, que definem memória como elemento complexo, pois a memória não se constrói unicamente como algo individual, mas também de forma coletiva e social. Pollack (1992) refere-se a memória tanto individual como coletiva formada por acontecimentos (que podem ser vividos por indivíduo ou pela coletividade, e que podem ser transmitidas por “tabela”), com personagens e lugares. Assim, o autor chega a definir que a memória também é seletiva (como abordado anteriormente), devido a junção desses três elementos, pois "nem tudo fica gravado " "nem tudo fica registrado", por ser em parte uma memória herdada. (POLLACK, 1992, p.4)

Nos produtos certificados com o Selo Tour da Experiência nos estabelecimentos de Vassouras, a experiência histórica que é narrada reproduz, de forma seletiva e uniforme uma memória que, forjada por grupos sociais específicos, nomeados como membros da nobreza à época, torna-se exclusiva e parcialmente herdada sobre o período imperial brasileiro, em uma atividade turística, evidenciando os costumes e privilégios da elite.

A estruturação da memória se dá de maneira organizada, melhor definindo, considerada como um fenômeno que se constrói, como exemplo a memória nacional que remete as diversas culturas e grupos étnicos, de forma herdada a uma determinada nação a importância dos acontecimentos e as datas, no intuito de despertar um sentimento de pertencimento.

A memória se torna um elemento constituinte do sentimento de identidade, sendo esta uma sensação de continuidade e coerência individual ou coletiva para reconstrução de si.

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLACK, 1992, p.5)

Ainda Pollak (1992) salienta que a construção da identidade é uma forma de fenômeno que é construído através de outros indivíduos ou grupos, baseado em critérios como aceitabilidade, credibilidade e admissibilidade. (POLLAK, 1992, p.5)

Isto é, quando proferido um discurso, uma retórica e narrativas, os discursadores possuem o poder de fala e muitas vezes tornam-se legítimos ao contar uma história. É o que vem acontecendo em Vassouras, com o Tour da Experiência, onde os guias de turismo, estes contratados pelos empreendimentos certificados, pelo lugar que ocupam de contar uma história, possuem esses critérios (aceitabilidade, credibilidade e admissibilidade), dando legitimidade e crença daqueles que são os ouvintes ou experenciam a história e a memória daquele lugar.

Com relação as narrativas reproduzidas e a legitimidade desses discursos nos empreendimentos inseridos no projeto, pode-se pensar a partir dos estudos de Bhabha (1998), em O local da cultura, que se coloca em pauta o conceito de homogeneidade da Identidade Nacional. Essa tradicional identidade nacional pode ser compreendida dentro do Tour da Experiência pela forma como os marcos históricos do período imperial brasileiro são resgatados e narrados exclusivamente sobre os privilégios da nobreza, esquecendo outras narrativas, como do povo do negro, refletindo sobre ser essa a única maneira do turista se identificar com o período do Brasil Imperial.

A identidade cultural articula-se ao conceito do hibridismo cultural, explorado por Canclini em sua obra Diferentes, Desiguais e conectados, que aborda primeiramente a definição de cultura a partir da análise da desigualdade e dos diferentes processos de inclusão e exclusão interculturais.

Ao trazer cultura, Canclini (2009) diz:

(...) dizer que a cultura é uma instância simbólica na qual cada grupo organiza sua identidade é dizer muito pouco nas atuais condições de comunicação globalizada. É preciso analisar a complexidade que assumem as formas de interação e de recusa, de apreço, discriminação ou hostilidade em relação aos outros, nestas situações de confrontação assídua. (CANCLINI, 2009, p. 44)

Para Canclini (2009) a cultura na atual conjuntura social se redefine como forma de comercialização a partir das desigualdades, diferenças e exclusões, tendo a relação com os valores simbólicos e a representação identitária desconectadas. É como acontece nos tours em Vassouras pelo turismo de experiência.

Ao compreender o que vem a ser identidade através destes autores, a intenção é articular o conceito com a problemática desta pesquisa, que busca analisar o modo como essas narrativas reproduzidas nos estabelecimentos credenciados pelo projeto em Vassouras, vem trazendo uma história cuja centralidade está pautada na nobreza, relegando ao negro o papel de subalterno, invisibilizando suas outras narrativas como de resistência, lutas, costumes e religiões na época do Brasil Império.

Assim, as atividades do Tour da Experiência em Vassouras não contemplam a diversidade dos grupos sociais, principalmente a cultura diversificada da época do império. A cultura explorada nos tours é a hegemônica, a eurocêntrica, como a trabalhada no tour do Hotel Mara Palace, com o produto certificado "Chá com Eufrásia". Trazendo o período da belle époque francesa.

Essa memória que é resgatada alinha-se ao conceito de Branquitude, trabalhado por Cardoso (2011) em seu artigo O Branco-objeto: O Movimento Negro Situando a Branquitude. Tal como destaca o autor (2011), o termo branquitude faz referência à uma identidade racial branca, caracterizando a pele clara e traços específicos como lábios e nariz mais finos, que dispõe de privilégios podendo significar "ser poder" e "estar no poder". O autor ainda relata que esses privilégios são "símbolos, subjetivos e materiais palpáveis que colaboram para reprodução do preconceito racial, discriminação racial 'injusta' e do racismo." (CARDOSO, 2011, p.81).

Desta forma, a história narrada nos tours em Vassouras se enquadra no conceito da branquitude, por contribuir para a manutenção de uma história que é contada a partir de uma única perspectiva - a da identidade racial branca - reforçando concomitantemente a manutenção da subalternidade do negro no período e a anulação de sua história pautada em outras narrativas que os representam. Entende-se, portanto, que reforçar uma identidade do período imperial - a nobreza -, exaltando seus privilégios de forma romantizada e invisibilizando outras memórias e identidades existentes à época, caracteriza-se a reprodução do racismo na atualidade.

Hall (1996) em seu texto Raça, Cultura e Comunicações, explica como as narrativas produzidas podem se transformar em uma única história contada e lembrada reforçando o preconceito e o racismo por medo de conviver com as diferenças, como aceitar a cultura dos então denominados "menos civilizados" ou como "povos que ficam abaixo da cultura", porque de alguma maneira são inferiores à ordem natural, definida por cor, raça e as vezes herança genética.

Quando olhamos quaisquer dessas narrativas populares que constroem constantemente, na imaginação de uma sociedade, o lugar, as identidade, a experiência e as

histórias dos diferentes povos que vivem nela, nos tornamos instantaneamente conscientes da complexidade da natureza do próprio racismo. (HALL, 1996, p.42)

Campos (2006) ressalta que o racismo no Brasil é produzido a partir da invisibilidade dos declarados negros e pardos a partir de suas diferenças culturais, nos modos de vida, nas crenças, nas tradições e identidades étnicas, em razão da superioridade de um grupo - autodeclarados brancos- sobre outro, potencializada pelas questões raciais, regionais, religiosas, entre outras.

Para o autor (2006), a relação entre tempo e o espaço pertence ao sistema simbólico, levado a efeito pelas práticas sociais oriundas das afinidades inter e intragrupos que são postas de maneira hierárquica em quase todas as partes do mundo e em quase todos os tempos. No Brasil, de certa maneira, a sociedade produziu a “invisibilidade” dos afrodescendentes, delineados a partir dos elementos étnico-raciais do negro e do pardo. (CAMPOS, 2006, p.56)

Com os conceitos de racismo desenvolvidos pelos autores aqui destacados, é possível analisar como a reprodução das narrativas trabalhadas no Tour da Experiência em Vassouras desencadeiam o olhar racista. Os produtos certificados estão sendo desenvolvidos sob uma única história, da qual não se é reproduzida conforme ampliação do conhecimento e diversificação cultural que existiram na época do império.

A reprodução dos elementos históricos narrados sobre o período imperial brasileiro acontece de forma unívoca e sobre os prismas dos privilégios da nobreza, reconhecida publicamente como a classe dominante.

De acordo como uma passagem do Bourdieu (1989), em O Poder Simbólico, o autor destaca os interesses da classe:

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as fracções dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, têm em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes por acréscimos, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por delegação (BOURDIEU, 1989, p.12)

As múltiplas interpretações da classe dominante podem ser analisadas sobre o viés racial, porque esta hierarquia é presumida por sua legitimação de dominação, com interesses e padrões ocidentais, como abordado na citação de Hall (1996) na página 18.

O termo raça foi se adequando a partir do século XX, onde surgiram estudos que buscaram argumentar, compreender e explicar à sociedade de que as diferenças entre os indivíduos eram biologicamente intransponíveis, assim como as questões étnico-raciais brasileira. (CAMPOS, 2006, p.49)

Segundo Guimarães (2012) em seu livro *Classes, Raças e Democracia*, o conceito de raça de acordo com o mundo social, permite identificarmos grupos sociais conforme as desigualdades, discriminações e hierarquias atribuídas à cor, assim possibilitando refletir quem está no grupo dos oprimidos e quem não se encaixa ao grupo da classe dominante (opressores) (GUIMARÃES, 2012, p.50).

Com base na discussão travada pelo autor, o conceito de raça dentro do tour da experiência é reproduzido através das narrativas utilizadas nas visitas e nos modos como os produtos são ofertados, com a utilização de tours de espetacularização e reprodução de uma única narrativa e cultura explorada.

De acordo com Hall (2003):

(...) raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão - ou seja - o racismo. Todavia, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza (HALL, 2003, p.69)

No Brasil, o discurso racial é importante para entendermos como sucederam as construções de identidades étnico-raciais e o contexto das relações de poder e simbologia que ainda predominam nos espaços sociais.

Conforme aborda Paixão (2008), é necessário entender as relações raciais no Brasil a partir da revisão de traços históricos, como dos negros que foram transportados ilegalmente como mercadorias do continente africano para o território brasileiro, com a finalidade de compreender a construção da estratificação sócio racial e as condições de existência raciais.

Portanto, este trabalho busca compreender como o Projeto Tour da Experiência, nos empreendimentos certificados, na cidade de Vassouras, pode ser analisado sob os conceitos aqui então entrelaçados, como memória e identidade, por apresentar marcos históricos em forma de narrativas nos tour que se valem de uma apropriação parcial que se faz entendida como única, acarretando ser algo lesivo para a constituição da identidade e a formação de uma memória de um grupo étnico social; o conceito de raça por analisar como a imagem do negro está representada no tour e as formas de relações raciais existentes; e o conceito de

racismo devido a imagem reproduzida do negro ser narrada unicamente sobre a memória de subordinação vislumbrado à época da escravidão e a exaltação dos privilégios e costumes da identidade branca no Brasil Imperial.

REFERÊNCIAS

BENI, Mario Carlos. Turismo: da economia de serviços à economia da experiência – In: Turismo da economia, - vol. 6 - n.3

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005
BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Cap. 1, 2 e 5.

BORGES, Marcio Silva; RODRIGUES, Gabriel Magalhães. O Vale do Café no século XXI: comparação de indicadores de desenvolvimento rural sustentável e os desafios de escala geográfica. XVII ENANPUR, São Paulo, 2017.

CANCLINI, Néstor García. Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade. Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CARDOSO, Lourenço. O Branco-objeto: O Movimento Negro Situando A Branquitude- R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 13, n. 1, jan./jun. 2011.

GOMES, Pâmela Ketulin Mattos. Que experiências é essa? O Projeto Tour da Experiência em Vassouras- RJ. Seropédica: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2016.

GOMES, Pâmela Ketulin Mattos; MENDONÇA, Teresa Cristina de Miranda. O tour da experiência caminhos do Brasil Imperial em Vassouras (RJ). Qual história está sendo contada?. Revista Mosaico. 2017

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. Classes, Raças e Democracia. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2002, 232p

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. Raça, Cultura e Comunicações: olhando para trás e para frente dos estudos culturais. In: Storey, J. (ed.) Whats is cultural studies?, London, Arnold, 1996, 336-342.

NORA, Pierre. Entre Memória E História: A Problemática Dos Lugares. Prog História, São Paulo 10) , 1993.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SEBRAE (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). “Projeto Economia da Experiência: Continuidade e abrangência de novos destinos. Petrópolis, RJ, 2016.

TONINI, Hernanda. *Economia da experiência: o consumo de emoções na Região Uva e Vinho*. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo , v. 3, n. 1, p. 90-107, abr. 2009.

UOL. Universa Uol (Ed.). *"Tour racista": Fazenda faz funcionários atuarem como escravos é detonada*. 2016.